

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Formação Intercultural para Educadores Indígenas

Kaline Braz Cunha  
Roberta Ponsada Ferreira

**Causos contados pelos anciãos pataxó  
sobre Juacema: lugar encantado**

**UFMG  
Belo Horizonte  
2017**

Kaline Braz Cunha

Roberta Ponsada Ferreira

**Causos contado pelo povo Pataxó  
sobre Juacema: lugar encantado**

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Ciências Sociais e Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Maia Figueiredo.

**UFMG  
Belo Horizonte 2017**

*Dedicamos esse trabalho ao Nosso Niamisii  
(Deus), aos nossos familiares e aos nossos  
anciãos.*

## **Agradecimento**

Eu, Roberta, meus agradecimentos vão para o meu Deus supremo, que me fortaleceu em meio a tantas dificuldades, me dando saúde e sabedoria para vencer todas as barreiras. E por ter me capacitado na conclusão deste trabalho. Ao meu esposo João Cunha pelo o incentivo, ajudar-nos momentos de tristeza e alegria, cuidando da nossa filhinha com tanto amor e carinho, por todo esse período de curso estar fazendo o papel de pai e mãe ao mesmo tempo. Te amo muito! A minha filhinha, Keren Kathelyn, que ainda bebê teve que ficar aos cuidados dos meus pais e meus sogros durante o curso, mas sempre que a saudade apertava, era nela que eu encontrava força para suportar a ficar mais um pouquinho. Agradeço aos meus pais, Atevaldo Alves Ferreira e Gilnei Cristiana Ponsada, pelo o apoio durante minha trajetória na faculdade, nos momentos que se preocuparam comigo, orando ao Senhor, para que ele me guardasse durante minha jornada. Aos meus irmãos Wesley Ferreira e Joice Ferreira, por estarem ao meu lado nesses momentos. À minha sogra Suriana Braz da Conceição e meu sogro João dos Santos Cunha, por me incentivarem a permanecer durante o curso. À minha cunhada Nataline Braz Cunha, apesar de ser tão jovem, pôde fazer papel de mãe, quando cuidadosamente olhou minha filha, estando ela ainda com 02 aninhos de idade. Obrigada, cunhada!

Eu, Kaline agradeço primeiramente a Deus por ter me ajudado nos momentos difíceis, e ter dado sabedoria nos ensinamentos no decorrer deste curso e força para alcançar meus objetivos. Em especial agradeço minha mãe Suriana Braz, meu pai João dos Santos Cunha, meus irmãos João dos Santos Cunha filho, Jonathan Braz Cunha, Luiz Phelipe Braz Cunha e minha Irmã Nataline Braz Cunha, sempre me apoiando e me incentivando para que eu chegasse no meu objetivo, me encorajando. Aos demais por sempre está pedindo a Deus que me guardasse durante as viagens.

Agradecemos às grandes lideranças Pataxó, por nos apoiarem em nossa comunidade na realização deste trabalho e aos nossos sábios anciãos no qual foram feitas as entrevistas, Dona Sijanete Alves, Sr. Domingos da Conceição e o Sr. Adalberto do Nascimento que nos proporcionou seus conhecimentos que é de extrema importância para nosso povo Pataxó.

Agradecemos às demais lideranças parente guerreiros das outras etnias Xacriabá, Maxakalí, Guarani, Pataxó Hã-hã-hãe, e Tupiniquim.

Parentes e colegas Pataxó, Xacriabá e Tupiniquim da turma CSH- Ciências Sociais e Humanidades, que passamos esse período juntos, um ajudando o outro e compartilhando as culturas e os costumes diferentes. Coordenadores, Professores, bolsistas e secretários do FIEI que sempre deram o seu melhor para que pudéssemos está inteirado no curso de forma completa. A nossa Escola Pataxó de Barra Velha que pôde permitir e contribuir para que fizéssemos a visita ao local, aos alunos e professores Biraí e Humberto que nos acompanharam na visita à Juacema. Ao professor Paulo Maia por ter contribuído grandemente para que conseguíssemos dar os primeiros e últimos detalhes em nossa monografia.

## **Resumo**

Neste trabalho iremos falar sobre um lugar histórico e encantado que está dentro do território Pataxó, chamado Juacema. Localizado, no extremo Sul da Bahia, no Município de Porto Seguro, área litorânea, aproximadamente 16 km da aldeia Barra Velha. Nosso objetivo geral é resgatar e registrar os Causos acontecidos em Juacema, de grande importância para o povo Pataxó. Nossos velhos contam relatos misteriosos sobre Juacema. Portanto, com base em nossas pesquisas, descobrimos que a relação dos Pataxó com Juacema é muito forte. Este trabalho é uma tentativa de registro dessa força que conecta o povo Pataxó a Juacema.

Palavras-chave: Sagrado; Juacema; Causos; Encantado.

## Sumário

Introdução.....	8
I Capítulo .....	14
1.1-Terra Indígena Pataxó Barra Velha.....	14
1.2 - O Causo: entre o mito e a história .....	18
1.3- Bakirás, Pataxó e Tapúias.....	19
II Capítulo .....	21
2.1-Causos de Juacema .....	21
2.3 Galo vermelho .....	24
2.4 O tacho de Ouro .....	24
2.5 A agulha .....	25
2.6 O Velho Salvador .....	25
2.7 Lagoa encantada.....	26
2.8 A dormida do homem branco em Juacema.....	26
2.9 O Dedal .....	26
2.10 O tunel de prato e o frango goió.....	26
2.11 O mistério da Juacema .....	27
2.12 Comentário sobre os causos narrados.....	28
2.13 Experiência em Juacema .....	28
Considerações Finais.....	31
Caderno de fotografia .....	33
Referências.....	38

## **Introdução**

Este trabalho é um dos resultados de pesquisa do Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas, (habilitação Ciências Sociais e Humanidades-CSH) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI-FAE-UFMG) com as comunidades indígenas Pataxó do extremo sul da Bahia e Norte de Minas Gerais. Os Causos que apresentamos aqui são contados pelo os nossos anciãos pataxó.

Após as apresentações dos TCCS realizadas por alunos concluintes do FIEI, no ano de 2013, começamos a compartilhar ideias entre colegas da nossa turma, CSH. A partir de então, surgiram questionamentos bem comuns entre Roberta Ponsada Ferreira e Kaline Braz Cunha, decidimos então realizar este trabalho em dupla sobre um lugar com muitos causos que incluem parentes que já moraram ou passaram por ali e que, para nós Pataxó, é um lugar encantador e tem uma relação muito forte com o nosso povo, e sabemos que ainda são poucos os que conhecem. Antes de apresentarmos este lugar gostaríamos de nos apresentarmos:

Eu, Roberta Ponsada Ferreira, nasci em 27 de novembro em 1993 no Estado da Bahia, município Porto Seguro, na Aldeia Mãe Barra Velha, sou da etnia Pataxó e atualmente resido na aldeia.

Nasci e cresci na aldeia até os quatro anos de idade, como estava bem pequena, não me lembro de muita coisa dessa época, mas o que ficou registrado em minha memória, é de como me sentia livre para poder brincar perto dos nossos parentes da aldeia e como me sentia feliz ao fazer isso.

Em 1999, meus pais Atevaldo Alvez Ferreira e Gilnei Cristiana Ponsada, decidiram tentar a vida na cidade por estarem em uma situação muito difícil de desemprego. Fomos para Divinópolis, no estado de Minas Gerais, pois eles pensavam que a vida seria mais fácil. Com ao passar do tempo surgiram muitas dificuldades, entre elas, sempre presente, a desigualdade social que há nas cidades.

Meu pai, na época começou a fabricar alguns artesanatos como colheres de madeira, palito de prender o cabelo, colar de semente, entre outros. Esse era o nosso meio de

sobrevivência. Dos sete aos quinze anos estudei na escola não indígena, do Ensino Infantil até a metade do 1º ano do Ensino Médio. Por ser a única indígena no colégio sofri muitos preconceitos. Foi muito difícil, mas aprendi a conviver com essas pessoas.

Com o passar do tempo, a vida na cidade começou a ficar muito mais difícil, meus pais pagavam aluguel, o salário que eles recebiam já estava bem pouco para passar o mês, nós estávamos nos sentindo muito sozinhos, sem os nossos familiares por perto. Após o falecimento de minha avó paterna Maria D'ajuda Ferreira, no ano de 2009, meus pais decidiram retornar à aldeia de Barra Velha. Ao chegarmos à comunidade, nos sentimos acolhidos pelos nossos entes queridos.

Quando a minha família voltou para a aldeia, eu estava com 15 anos, achei o lugar, as pessoas muito diferentes e principalmente a escola. No primeiro contato que tive com a escola, fiquei impressionada, pois não fui tratada com nenhum tipo de preconceito, que pudesse desvalorizar a minha cultura, me senti acolhida pelo meu povo.

Com o passar dos dias, na aldeia conheci um rapaz chamado João Cunha, foi por quem me apaixonei e casei. Após um ano de casamento, fiquei grávida e tive uma filhinha que se chama Kéren Kathelyn Ferreira Cunha. Quando minha filha estava com seis meses, meu esposo havia feito vestibular em Minas Gerais, na UFMG, e conseguiu passar. Logo que conclui o Ensino Médio, no ano de 2012, com o incentivo do meu esposo, fiz o vestibular e consegui passar no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas na Universidade Federal de Minas Gerais, na habilitação de Ciências Sociais e Humanidades.

Quando iniciei o curso, pensei em desistir, pois estava muito distante dos familiares, me sentia incapaz de realizá-lo, mas com a ajuda de minha família, consegui vencer todas as barreiras e alcançar meus objetivos.

Sou Kaline Braz Cunha da Aldeia Mãe Pataxó Barra Velha, filha de Suriana Braz da Conceição e João dos Santos Cunha, tenho 22 anos. Desde que nasci até atualmente, continuo morando na aldeia Barra Velha. Sempre estudei na escola indígena, porém na época atuavam no ensino alguns professores não indígenas, onde a maioria deles se concentravam no Ensino Médio.

Em 2012, estava estudando o terceiro ano, quando meu irmão João Cunha, que já estava estudando na UFMG, me incentivou a fazer o vestibular, logo estava confusa, mas, resolvi fazer todo o processo de inscrição. Para ir até Belo Horizonte, prestar o vestibular surgiu um imprevisto, porque estava certo um ônibus que iria nos levar até à capital. Um dia antes de viajarmos, recebemos a notícia de que o ônibus não estaria mais disponível, no momento fiquei sem saber o que fazer, pois não estava com condição de ir por conta própria, fiquei muito triste, a viagem para mim já estava desmarcada. No dia seguinte, recebi uma ligação de um amigo, Ibuti Nascimento, ele havia conseguido um carro que nos levaria até o local da prova.

Fiz o vestibular, fiquei ansiosa para saber o resultado, quando saiu a lista dos aprovados, então recebi a notícia que tinha sido aprovada, fiquei muito feliz. Quando chegou a data de irmos estudar, a ansiedade aumentou, queria ir logo conhecer, queria ver como eram os estudos. Chegando lá queria logo ir pra faculdade. No primeiro dia de aula foi tudo tão estranho, ninguém conhecia ninguém, a saudade bateu mais forte dos meus familiares, pensei em desistir, mas só estava começando, com isso fui acostumando. Sempre permaneci até ao fim de cada módulo, mesmo que a saudade de casa apertava, pois sabia que meus pais me davam o maior apoio e esperavam de mim sempre o melhor.

Em uma das aulas de Antropologia na FAE-UFMG, o professor Paulo Maia, abriu uma conversa, sobre os trabalhos de conclusão de curso (TCC). Ficamos todos pensativos sobre o que pesquisar, mas naquele momento não era ainda necessário a escolha do tema, pois estávamos no começo do curso. Mas, sempre em cada um de nós, surgia a interrogação: sobre o que pesquisar? A resposta se concretizou para muitos quando assistimos as apresentações dos TCCS, dos colegas da primeira turma CSH do curso FIEI logo que chegamos. Resolvemos então pesquisar sobre Juacema, lugar encantado: Causos contados pelos anciãos pataxó sobre Juacema. O principal motivo que nos fez realizar essa monografia foi porque não conhecíamos Juacema senão os Causos e somente em 2016 pudemos conhecer o lugar encantado.

Com as conversas que tivemos com nossos anciãos, eles nos relataram que hoje Juacema tem esse nome porque de uma senhora indígena que morou bastante tempo nesse lugar e quando veio a falecer algo continuou acontecendo deixando o lugar encantado e misterioso.

Nossos velhos passavam por Juacema quando não havia transporte. Esse era o caminho que permitia chegar mais rápido em Arraial D' Ajuda e Porto Seguro, iam festejar a nossa padroeira nossa Senhora D' Ajuda. Essas famílias, que passavam por este lugar, viam muitos encantos sobrenaturais durante a noite e ao dia, assovios, colher de ouro, viam navios no mar, galos cantando fora de hora, lagartos de um metro de comprimento, guaiamuns de ouro, (crustáceo que pertence à família dos caranguejos) pessoas andando de um lado para outro, uma linda cidade em Juacema que era vista somente durante a noite.

Juacema fica ao lado da praia, quando a maré está cheia não tem como fazer esta caminhada, portanto com a maré seca é a melhor forma de se chegar a este lugar. São aproximadamente 16 km. da aldeia mãe Barra Velha, localizada no extremo sul da Bahia, levando aproximadamente três horas e meia de caminhada, tornando a andada bastante cansativa, mas vale a pena. Juacema está localizada entre a Praia do Espelho e Satu, próximo a Caraíva. Antes de chegarmos à Juacema, avistamos vários rochedos. Pelo caminho tem duas lagoas de águas doce, bem clarinhas, e ao chegar, subindo as falésias coloridas, podemos avistar dois buracos enormes, que, segundo os nossos velhos, foram escavados pelos índios Bakirás, espíritos encantados vistos somente pelos Pataxó que viviam debaixo do chão em Juacema.

As árvores predominantes são: pé de caju bravo, em seguida é avistado a lagoa encantada, conhecida como Lagoa "Tola" ou "Boba", suas águas correm de baixo para cima, ela deságua em um rio, logo acima, e esse rio encontra com o mar. Fica ao lado de uma estrada, rodeado de capim e árvores altas, umas dessas árvores conhecidas pelos Pataxó é o guanandi (árvore leitosa do brejo) que faz parte de um Causo que será relatado no percurso. Suas águas são tão escuras que não conseguimos enxergar o fundo, as pessoas que entram para tomar banho vão até o meio dela, tentam tocar os pés no chão e não conseguem, como se não tivesse fim. Esse é um dos mistérios. Não conseguimos entender o porquê ela corre ao contrário e por está sempre cheia, fica em um lugar sombrio, bem mais no centro da mata de Juacema.

Com o passar dos anos Juacema teve modificações através dos fenômenos naturais. As estradas por onde nossos parentes passavam a mata tomou conta e ficou uma pequena trilha, que ainda serve de acesso quando vão comercializar artesanatos com mais frequência entre os meses de dezembro e fevereiro em praias próximas, que são

visitadas por turistas. Os dois buracos profundos não estão mais como antes, partes deles foram soterrados devido às chuvas. Todos falam que quando passam por lá começam lembrar-se dos acontecimentos vivenciados.

Por ser uma área bem afastada de cidades, de pessoas, a mata se torna sombria, podendo parecer até mesmo assustadora para quem não conhece ou nunca ouviu falar sobre os Causos. Quando não se sabe a importância e o valor de um determinado lugar, não se tem o devido cuidado tornando como se fosse qualquer, sem respeito.

O significado do encanto para nós Pataxó está direcionado ao lugar sagrado e sua espiritualidade. Quatro encantos são específicos em Juacema, três são espirituais e um material. Os espirituais estão relacionados com pessoas do passado que morreu por ali e que podem nos visitar através de sonhos ou encantados da natureza como é caso dos índios Bakirás que apareceram no passado e que não foram mais visto. Juacema chamava atenção de muitas pessoas por ser muito rica e por ter muito ouro, que após seu encantamento esse ouro tornou parte do invisível. O material é exatamente pela sua beleza natural, é um lugar tranquilo onde ouvimos os cantos dos pássaros, apreciamos os encantos da natureza, a praia linda de cores infinitas e os ventos frios. Um lugar que nos sentimos bem.

Temos uma forte preocupação em não deixar que os Causos que aconteceram em Juacema sejam esquecidos, pois muitos dos nossos sábios anciãos já não se encontram mais aqui conosco, e levaram consigo relatos espirituais, experiências no território, que fazem parte da memória do nosso povo.

Essa pesquisa foi baseada em entrevistas com os mais velhos e alguns jovens das comunidades indígenas Pataxó de Barra Velha e Mirapé, Porto Seguro localizada na Bahia e Encontro das Águas, em Minas Gerais entre janeiro de 2015 a abril de 2016. Utilizamos um mapa da região, onde mostra a localização de Barra Velha à Juacema. Além disso, fizemos uma visita ao local como parte da pesquisa e registramos com fotos.

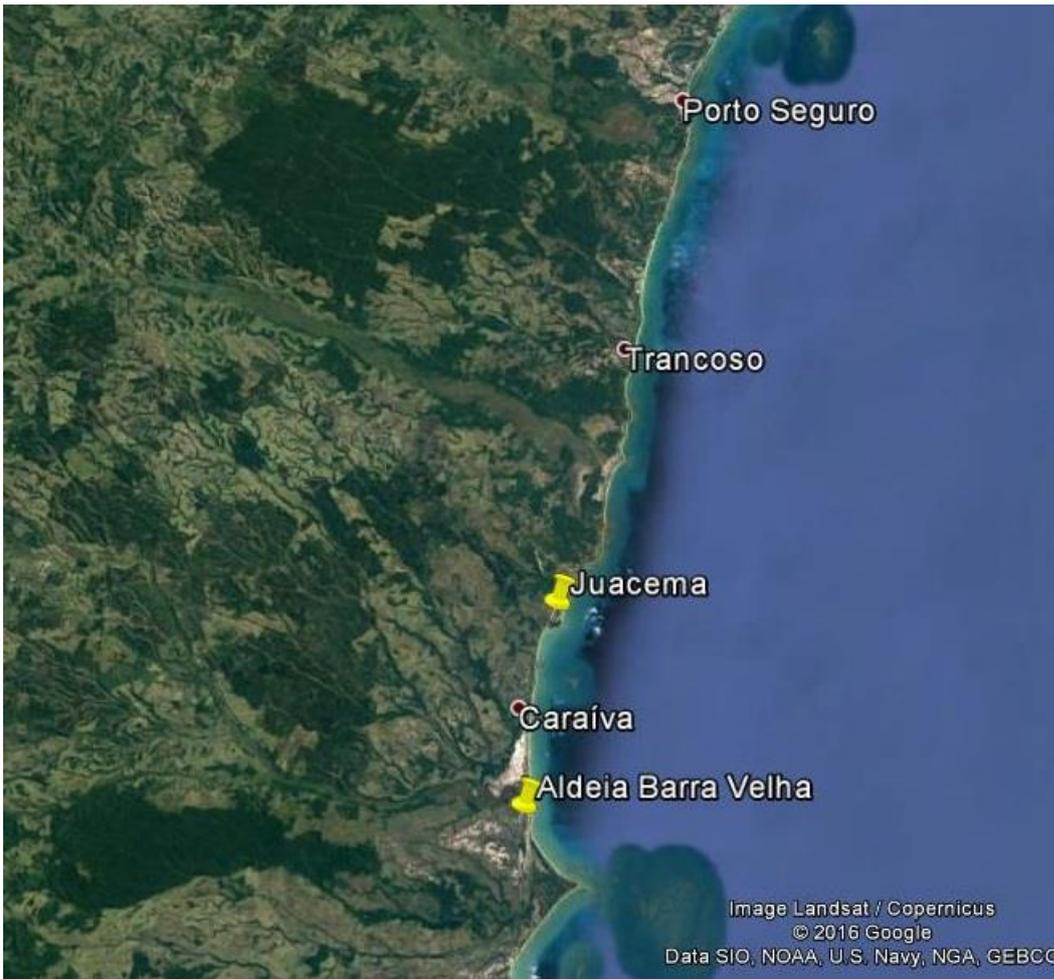


Imagem 1: Mapa que mostra a localização de Barra Velha até Juacema

A monografia está organizada em dois capítulos. O primeiro apresenta a conquista da terra indígena Pataxó da Aldeia Barra Velha. Após tanta luta, nossas lideranças conseguiram o direito de ter nossa terra demarcada. Abordaremos o Causo entre o mito e a história. Relatamos sobre a convivência do povo Pataxó com os Tapuias e Bakirás. O segundo capítulo contamos os Causos de Juacema, um lugar encantado. Comentamos sobre os Causos narrados e registramos nossa experiência em Juacema.

## **I Capítulo**

### **1.1-Terra Indígena Pataxó Barra Velha**

Antes de apresentarmos a Terra Indígena Barra Velha é necessário dizer o que significa o território e o que representa para nós enquanto indígenas.

O Território é sagrado porque quando falamos em sagrado nos referimos a experiências espirituais fortes vividas em um espaço de sobrevivência pelos nossos ancestrais, que são repassadas através da oralidade e que são guardadas em nossa memória com muito cuidado para que não se perca.

Nele temos liberdade de nascer, crescer e vivermos em harmonia com a natureza material e nos relacionarmos com o espiritual. Utilizando os recursos naturais como fonte de sobrevivência, através da caça da pesca e agricultura entre outros. É nele que desenvolvemos as atividades sociais e culturais, construindo nossa realidade, o nosso jeito de ser. No território é onde surge toda fonte de sabedoria e de subsistência de um povo. Como afirma Alves seu pensar sobre território:

A mata é o seu território de poder, sem ela, não há como viver e sobreviver, pois é ela que definirá o futuro dos seres que nela habitam. Assim também o povo indígena que, sem seu território, “sua terra”, esse povo nunca será feliz, porque não será capaz de atender e desenvolver suas necessidades sociais e culturais... (Alves, 2016, p. 12.)

Conhecer o próprio lugar que se vive no território é, na verdade, saber contar sua própria história e nunca se esquecer de onde veio e de onde cresceu. Como afirma a sábia Sijanety Alves Braz (Nety) “... território pra gente, é ter raiz de onde você nasceu e criou...” (trecho de entrevista com anciã, em janeiro de 2017, Aldeia Encontro das Águas).

Nós Indígenas vivemos nesse território há muito tempo. Nessa época muitos povos indígenas de etnias diferentes se encontravam para guerrear pela disputa de território, outros compartilhavam histórias, faziam rituais, comercializavam entre si. Como relata o Plano de Gestão territorial Aragwaksã, sobre quando o pesquisador Wied-Neuwied descreveu e observou a convivência deles entre varias regiões:

A presença dos Pataxó no extremo sul da Bahia parece em relatos desde o século XVI(...) Segundo o viajante, toda a costa, desde o rio do Prado era temida pela presença de grupos indígenas que habitavam as matas e rios e pareciam no litoral para trocar cera e outras coisas por produtos manufaturados. (Cardoso e Pinheiro, 2012, p. 27).

Segundo os nossos velhos, os Pataxó quando chegavam em um determinado lugar com suas famílias ficavam por ali durante alguns meses, logo depois saía à procura de outro lugar e outra família ocupava esse mesmo local. Essa era a forma de vida deles até que viessem a ser aldeados.

Entre o período de 1861 e 1951, grupos indígenas do tronco linguístico Macro-jê destacando os Pataxó, viviam ao redor de uma porção de terra, conhecido hoje como Parque Nacional do Monte Pascoal, lugar que faz grande parte de nossa história. Nosso povo vivia por ali como abrigo. Passaram um bom tempo, pois não havia moradia nem área demarcada para se acolher. Nela encontravam riquezas e valores em fertilidade da terra para poder plantar e colher, era onde encontravam a maior forma de sobrevivência.

Os Pataxó sofreram grande perseguições por fazendeiros e madeireiros, houve relatos de que não índios já estava ocupando o território Pataxó entre a década de 40 e 50. Tinham interesses de se apropriar da terra para o plantio e de realizar a extração madeireira que causou um grande problema de desmatamento que impactou profundamente o ambiente do extremo sul.

Em 1943 a eminência da Criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, que foi implantado somente a partir de 1961, fez com que os Pataxó fossem praticamente expulsos, confinados em ficar em uma pequena área de terra em 210 hectares a beira na praia. Como nos afirma Cardoso e Pinheiro (2012)

A maioria dos Pataxó resistiu a isto, sendo porém impedidos de plantar suas roças na área, por isto esta época é considerada uma época de muitos conflitos e de grandes dificuldades de sobrevivência que levaram muitas famílias a tentarem melhores condições de vida em outras localidades. (Cardoso e Pinheiro, 2012, p. 31)

Como nosso povo foi obrigado ficar em um lugar impróprio para se plantar, começaram a ter grandes dificuldades de sobrevivência, esse foi um dos motivos pela qual famílias decidiram sair deste lugar e formar novas aldeias.

Na luta pela demarcação de um espaço de terra para nós, Pataxó, nossas lideranças começaram uma busca incessante de idas e vindas ao Rio de Janeiro, para poderem ter um documento que nos desse a garantia pelo pedaço de terra em que habitávamos, ter nosso lugar demarcado pelo governo.

Nessa época, não havia lideranças específicas como caciques. Era nomeado um capitão que direcionava as atividades de luta pelos direitos Pataxó. Para ser um capitão, a pessoa tinha que ser um índio que com muita coragem, determinação, força de vontade e humildade, bem como deveria lutar por seu povo sem medir esforços. Havia um Pataxó chamado Honório Borges que, com essas qualidades se tornou capitão da aldeia. Ele foi uma liderança muito forte, um grande lutador pela conquista da nossa terra demarcada, seu objetivo era separar um lugar para seu próprio povo plantar, colher e caçar.

Em uma dessas idas, vieram juntamente com o capitão Honório Borges dois bandidos, que se passaram por engenheiros, segundo nossos anciãos vieram com o objetivo de fazer um estudo da terra para sua demarcação, mas, na verdade, eles tinham outras intenções, enganar o capitão e todos os membros da comunidade.

Com muita astúcia e persuasão induziram alguns membros da comunidade a irem com eles saquear um comércio, de um senhor morador e comerciante chamado Teodomiro, na travessia do rio Corumbau, lugar que atualmente é parte da Aldeia Bujigão, aproximadamente 6 km da Aldeia Barra Velha. Após o roubo, amarraram o Senhor Teodomiro na beira da praia, mataram bois e voltaram para a aldeia.

Ao chegar à aldeia cortaram os fios da linha telégrafo que ligava a cidade de Porto Seguro a Prado, impedindo a comunicação das mesmas. Nesse momento pessoas que não sabemos quem, entraram em contato com a polícia de Prado e de Porto Seguro. Em questão de tempo chegaram à aldeia já atirando. Uniram as forças e partiram com muita crueldade para dentro da aldeia contra todos os nossos parentes. Espancaram, idosos, crianças, além de estuprarem mulheres índias, atearam fogo nas casas, etc... Esse

acontecimento ficou conhecido como “Fogo de 51”, um massacre ocorrido na região do extremo sul da Bahia em Barra Velha, município de Porto Seguro no ano de 1951. Daí todos os índios fugiram para mata. Alguns retornaram com o passar do tempo, outros ficaram nesses lugares de refúgio.

Aproximadamente até os anos de 1950, os Pataxó viviam uma época em que eram desconhecidos, pela sociedade Brasileira e só vieram ao conhecimento público depois desse massacre. Durante esse conflito, algumas famílias ficaram desorientadas, com receio de continuar na Aldeia, foi quando muitos se mudaram para outras localidades sendo esse outro motivo para que formasse novas aldeias. Como afirma o plano de gestão territorial Agwaksã ( Cardoso e Pinheiro, 2012):

Muitas famílias se dispersaram por um raio de muitos quilômetros, sendo que alguns mudaram-se para a fazenda Guarani, em Minas Gerais. O evento foi tão violento que os Pataxó foram considerados extintos já em 1957. ( Cardoso e Pinheiro, 2012, p. 30).

Logo após este trágico e tão violento acontecimento muitas famílias ficaram traumatizados se esconderam o mais longe possível da aldeia. A mídia considerava e divulgava que os Pataxó estavam extintos, não sabendo eles que estavam se escondendo para se proteger . Muitos que retornaram contam que recomeçaram a reconstruir suas vidas novamente, até hoje nossos velhos que vivenciaram aquele momento de desespero nunca se esqueceram e nunca esquecerão.

A luta não havia acabado. Com o passar dos anos as lideranças reforçaram seus pedidos por uma terra demarcada por um lugar próprio para seu povo. A demarcação da terra indígena teve uma “parada” dos anos 1970 até os anos 1980. A partir de então com a intervenção da Fundação Nacional do Índio os Pataxó de Barra Velha conseguiram o direito sobre um território. Houve muitos conflitos e negociações que duraram por alguns anos para que eles pudessem ter esse reconhecimento e finalmente com tanta luta em 1988 o governo “reconheceu” a área que temos hoje.

Hoje em dia a população da Aldeia Barra Velha é de aproximadamente 485 famílias, ficamos em uma área estimada de 8.627 hectares de Terra Indígena, nosso povo cada ano que passa cresce demograficamente, e podemos enfrentar uma problemática em que a área ocupada por nós indígenas é pequena.

Com essa demarcação foi deixado de fora lugares sagrados, como por exemplo Juacema, que fazem parte de nosso território e de nossa história. A luta pela ampliação e demarcação ainda continua. O Território é importante tanto quanto a demarcação da Terra Indígena que nos dá o direito de delimitação. Desde muito tempo, sabemos que nosso território não se limita a áreas pequenas, na maioria das vezes são demarcadas e não abrangem a totalidade da área em que os nossos velhos têm conhecimento, e representam valores profundos para um povo, como é o caso de Juacema para nós, os Pataxó.

## **1.2 - O Causo: entre o mito e a história**

Desde criança ouvimos os velhos contar Causos sobre diferentes épocas e lugares. Quando entramos na universidade deparamos um pouco com história e mito que são duas palavras utilizadas para falar sobre coisas semelhantes, seja da história mais recente até mitos que, por sua vez, os velhos chamam de Causos. Nos termos escolares o Causo transita entre o que é chamado de mito e história. As histórias são fatos que são comprovadas a partir de documentações e o mito é mais uma narrativa oral. Quando queremos nos referir a uma história para ser contada pelos nossos velhos, usamos a palavra Causo.

Os Causos também são fatos narrativos envolvendo pessoas, ligados ou não a seres encantados, acontecimentos vivenciados a partir de experiências com os lugares sagrados. Sendo assim, vistos por nós indígenas como fatos reais, ensinamentos profundos que aconteceram ao longo do tempo, sendo importante até os dias de hoje, pois guardam os legados deixados pelos nossos ancestrais sobre a nossa existência e nossa história.

Há uma relação muito forte do povo Pataxó com Juacema, que está embasada nos Causos que são transmitidos de geração em geração sobre este lugar. Essas experiências que nossos Pataxó tiveram em Juacema ainda estão vivas e preservadas em suas memórias.

Muitos deles não podem vivenciar pessoalmente, por se encontrarem velhos e cansados não podem caminhar de suas casas até Juacema, mas, vivenciam esses acontecimentos por meio das lembranças que ficaram na memória de cada um deles. A oralidade tem esse poder de fazer nossos velhos viajarem no tempo. Quando começam a contar esses causos, um livro vivo se abre e qualquer pessoa que esteja ouvindo começa a imaginar como se estivesse participando daquele acontecimento. Como afirma Alves: “O conhecimento transmitido por meio da oralidade permite o exercício da imaginação e da liberdade para criação. (...) Nas narrativas orais, os ouvintes são convidados a interagir com a história” (Alves, 2016, p. 23).

Os nossos sábios são nossa fonte de conhecimento, sabedoria e aprendizado. Entretanto é importante ressaltarmos o quanto o respeito e o cuidado é fundamental para com eles. Uma das maneiras de demonstramos esse respeito é utilizar as palavras usadas pelos mais velhos no seu cotidiano, como é o caso da palavra Causo. O termo Causo será usado no decorrer deste trabalho como uma forma de fortalecimento da oralidade pataxó, que é um instrumento de transmissão de conhecimentos.

### **1.3- Bakirás, Pataxó e Tapúias**

Os Pataxó descreveram que os Bakirás eram índios bravos, tinham suas unhas grandes como de tatu, seus cabelos eram compridos e seu corpo era resistente como pedra e que onde saíam iam comendo e destruindo tudo. São índios encantados que andavam debaixo do chão em Juacema e foram vistos somente pelos Pataxó.

Nossos velhos dizem que os Bakirás ajudaram os Pataxó no passado em uma briga contra os brancos, quando uma criança filho de um indígena Pataxó brigou com uma criança filho de um homem branco por conta de um filhote de um passarinho chamado bem-te-vi.

Segundo os anciãos pataxó, conta-se que nesta briga que envolveu as duas crianças, os Bakirás saíram abrindo dois enormes buracos e em seguida arrasaram tudo que havia em Juacema. Esses buracos são vistos até hoje.

Há relatos somente por parte dos indígenas pataxó, sobre a existência desses encantados. Segundo um dos nossos sábios pataxó, chamado Tururim, os Bakirás se encontram atualmente debaixo da terra, em túneis escavados por eles próprios entre o

Monte Pascoal e a “Pedra Pescoço”, local não tão muito longe da aldeia Mãe Barra Velha, perto da cidade de Itamaraju, Bahia. Hoje em dia não vemos mais os Bakirás, mas podemos senti-los bem próximos quando lembramos e contamos Causos que envolvem esses encantados.

Algumas pessoas da aldeia pensavam que os buracos escavados foram feitos pelos Tapuias, mas nossos velhos comprovam que os Tapuias não andam debaixo do chão. Relatos históricos afirmam que os Tapuias não eram etnia específica, era uma denominação dada pelos Tupí a grupos indígenas que não falavam sua língua.

Como nos informou em conversas, o Sr. Domingos Cachimbo, Pataxó da Aldeia Mirapé, existiam os Tapuias bravos e os mansos. Os bravos viviam no interior das matas e os mansos viviam no litoral, tinham algumas características bem específicas como: manejar bem o arco e flecha e se locomover com facilidades nas matas.

Com base nas pesquisas e nas conversas que fizemos, observamos que a relação entre esses três grupos eram diferentes. Os Tapuias foram grupos indígenas que durante o período da colonização se encontravam com os Pataxó, já os Bakirás apareceram como os seres encantados, que veio ajudá-los.

## II Capítulo

### 2.1-Causos de Juacema

Abordaremos esses Causos a partir das gravações e anotações que fizemos através de entrevistas com nossos velhos. Antes de contar os causos gostaríamos de fazer uma breve apresentação sobre nossos sábios anciãos e contaremos como foram feitas essas entrevistas dos Causos.

Uma entrevistada é Sra. Sijanete Braz Alves, conhecida como Nety, reside atualmente na Aldeia Pataxó Encontro das Águas em Minas Gerais a qual é cacica e professora de cultura. Seu nome indígena é Apynaéra que significa índia velha. Sua idade é 50, casada com o senhor Valdivino Alves dos Santos tem 09 filhos e 25 netos.

A entrevista foi realizada no mês de dezembro em 2016 em sua própria aldeia. Quando começamos a conversar perguntamos a ela de onde era sua família, ela começou a contar sobre sua vida, contou de como surgiu a escolha deste nome indígena, nos disse que era porque queria ter a sabedoria de uma índia velha. No decorrer da conversa ficou bem à vontade e nos contou os seguintes Causos: O encanto de Juacema, o mistério de Juacema, o velho Salvador, O dedal e o túnel de prato e o frango goió.



Imagem 2: Dona Nety

Outro entrevistado é o Sr. Domingos da Conceição Braz conhecido em sua comunidade como Cachimbo. Reside na aldeia Pataxó Mirapé, Bahia. Sua idade é 65, casado com a Sra. Maria das Graças Braz da Conceição tem 08 filhos e 20 netos.

A entrevista foi realizada em junho de 2016. Chegamos na casa do Sr. Cachimbo e sem que perguntasse nada ele diretamente foi nos contando alguns Causos que ele mesmo tinha presenciado até que chegou a contar os seguintes causos de Juacema: O Galo Vermelho, Lagoa Encantada e da Agulha.



Imagem 3: Sr. Cachimbo

Por fim, o último entrevistado é Sr. Adalberto do Nascimento conhecido na comunidade como Beto, reside na Aldeia Mãe Barra Velha, Bahia, seu nome indígena é Kaybara sua idade é 65, casado com a Sra. Maria Lima Souza tem nove filhos.

A entrevista foi realizada em Março de 2016. Chegamos na casa do Sr. Kaybara fomos bem recebidas, ele nos pediu para que sentássemos, sua esposa nos trouxe um copo de suco para tomarmos, ele começou a contar um pouco sobre sua vida e fomos

conversando sobre outras coisas até que chegou nos causos de Juacema. O caso contado por ele foi: O tacho de ouro e A dormida do homem branco em Juacema.



Imagem 4: Sr. Kaybara

Abaixo, apresentamos as transcrições dos Causos narrados por nossos entrevistados.

## 2.2 Encanto de Juacema

Diz que antigamente Juacema ia ser Salvador quando os branco chegô praí em Juacema. Tava um começo de uma cidade, num era bem uma capital mas já tava formando. Disse que passado muito tempo, em um belo dia apareceu um menino branco e um índio. Diz que eles foram caçar, andar pelos mato, assim, como esses menino de hoje da gente anda. Chegando lá, ele topou um filho de Bem-te-vi, o branco, e o índio ele queria pegar e ficou essa briga pra poder ele tomar esse passarim, esse filho de Bem-te-vi. O branco não queria dar e o índio também não e assim o branco queria levar esse passarim e o menino índio não queria deixar e foi aquela briga. Foi aquela briga, até que o menino foi e inficô um arfinete na cabeça do índio. Ele dismaiô. E menino conseguiu pegar o bem-te-vi. Quando noiteceu, o pai do índio ficô preocupado, procurou, procurou. O índio tava caído no chão dismaiado. Aí pegaro esse menino e pensaro que o indiozinho tava morto, mas não tava, ele só tava desacordado. Quando acordô, contô o que aconteceu. O pai do índio injuriô, e falo que ia descontar. Como era muito branco ele não podia ir brigar por causa que matava ele, então ele se injuriô dalí e foro embora, largô Juacema. Dizendo eles que foro embora mas não foro, foro chamar seus parente Bakirá. Eles saíru alí, ó, naqueles buracos, os bakirá. E arrasou o lugar e se incantô. (Nety 2016)

## 2.3 Galo vermelho

Minha irmã tamém vinha muntada num cavalo. Vinha pra essa festa em Arraial D'ajuda. Quando chegava pertin da lagoa, ela via um galo vermelin passar por debaxo do cavalo e num tinha ninguém que morava por ali. Ela ia pegar o galo e ele sumia, ficava percurando mas num encontrava. (Cachimbo, 2016)

## 2.4 O tacho de Ouro

Morava um homi, diz que ele era lá de Porto Seguro, que chamava Zé do Bodi. Teve um sonho que dentro da lagoa tem um tunér e diz que junto dele tem um jacaré, é tudo de oro. Você pega umas dez juntas de boi e marra uma corrente lá e puxa, mas você num dá um xingu, num xinga nada. Você vai puxando que ele vai saindo, o boi vai tirar ele. Manheceu o dia, ele foi lá pegô as dez junta de boi levô, laçô e achô. Fica lá no pé de guãnadí. Fôro e marraro a corrente no tunér quatro junta, aí quando ele via que num abalava nem a bêra do tacho, ele foi e botou mais ôta junta e foi botando mais junta de boi, até que completou dez junta. Tava puxando, quando ele viu que o tacho suspendeu, ficô com aquela ganança, e danou xingar, xingô os boi: êta

troço! Com aquela ganança, batendo nos boi e xingando pros boi ir depressa pra ver si arrancava aquele tacho. Disse que ele só teve prazer de ver, quando xingô o tacho fundô que até os boi foi junto e a corrente arrebetô e é bum dentro d 'água! Até hoje nunca tiraro. Ele ta lá. (Kaybara, 2016)

## 2.5 A agulha

Passô por aquela região um homi que nunca tinha passado por ali à noite. Ele chegô lá e viu uma cidade e disse: esse povo de Caraíva num falou que aqui num tinha uma cidade! Rapaz eu num vou embora! Vou dormir aqui mermu! Chegô tava uma velinha: Paco! Paco! Paco! Costurando! Tava com a brusinha na maquina ajeitando. Aí ele disse: ô da casa! ela: oi! Ele chegou assim na janela e disse: ô dona a senhora mim dá aí um agazai? Aí ela disse: se você quiser dormir aqui... Daí chegou e ele disse assim: eu vou dormir por aqui. A veinha disse pra ele: mais você vai lá em Caraíva agora, compra uma agulha, que quebrou a agulha da minha máquina, você vai lá e vorta hoje ainda, que eu quero terminar essa rôpa. Ele chegou e disse: Tá bom eu vô. E minhas mala, posso deixar aqui? Ela disse assim: pode encostar suas mala aqui. Ele virô, quando ele chegô lá em Caraíva, disse mas aquela veia tá fazendo eu de besta, uma cidade daquela e ela num acha uma gulha! Eu num vô lá nada, eu vô dormir aqui. Amanhã eu vô. Ele dormiu, quando foi de manhã cedo ele saiu e chegô lá em Juacema, que suntô de cá e num viu cidade e nem nada, foi lá onde ele tinha largado a mala e a mala dele tava encostada lá no pé de caju. (Cachimbo, 2016)

## 2.6 O Velho Salvador

O Finado Salvador, ele que contou esse causo lá de Juacema. Um dia ele foi passando, deixou o borná, a bagagem dele assim, e foi caçar uma água limpa lá em cima. Quando ele chegou lá, começou beber água. Quando ele veio pegar, quando ele suntô, viu a bolsa dele e de junto da bolsa dele um guarda-chuva. Ele falou assim: êta! achei um guarda-chuva! Quando levou a mão era um pedaço de pau. Ele veio embora e ficou meio cismado... passava por ali quarquê hora da noite. Quando foi passado um tempo ele já tava bem rapazote, passando por lá outra vez, indo pra Inbiriba, quando ele chegou bem boca da noite em Barra Velha para vortar de novo, dizendo ele assim: vou rompendo pra poder eu passar naquela Juacema. É vai ele! Dizendo ele: vou sentar, vou fazer um cigarro pra mim dar coragem pra andar mais ligeiro, quando suntô, viu tipo umas casa, uns menino correndo, dizendo ele que falou assim: ah! Vou chegar ali pra beber uma água. Quando suntô estava debaixo de um pé de caju bravo. (Nety, 2016)

## **2.7 Lagoa encantada**

Nossos pais num deixavam chegar perto da lagoa, tinha medo que a gente caísse na água e sumisse. Muita gente já viro traíra alí, um peixe, quando ia matar era um pedaço de pau, aí eu tinha medo de tomar banho naquela lagoa ali. Ainda falam que quem é o dono da lagoa é o jacaré amarelo, guardião do tacho de ouro que existe lá. (Cachimbo, 2016)

## **2.8 A dormida do homem branco em Juacema**

Uma vez teve um homi que saiu de Barra Velha pra Juacema. Chegou e cansou e pediu agazaia. Ele disse que quando chegou lá tava tudo claro, tinha comércio tipo uma cidade, disse que ele perguntou assim: que lugar é esse aqui? Aí disse que foi e pediu agazaia, aí deram agazaia pra ele e mandou entrar pra dentro do quarto. Como tava de bolsa, colocô em outro lugar. Quando foi na hora que o galo cantou ele tava debaixo de um pé de caju bravo. (Kaybara, 2016)

## **2.9 O Dedal**

Teve um homi que foi comprar didal, antigamente as costureiras costurava usando didal, tipo uma tampinha pra protegê o dedo. Chegando lá disse: ah! Tem que ser na casa onde vende negócio de costura. Diz que quando ele chegô lá, encontrou Juacema toda luminada, foi percurando a venda. E perguntava um e outro. Aí disse que ele perguntou se tinha alguma costureira por ali, indicaram a casa de uma costureira. Quando chegou lá disse: ô dona! A senhora tem didal pra vender? Ela disse assim: tem! Ele falou assim: então eu quero um, ela foi e falou que ele tinha que dormir lá e ele falou: não vou dormir não, estou com muita pressa, eu só vim buscar o didal e ela tornou a insistir pra ele dormir e ele falou: não vou dormir não, eu quero o didal, ela foi pegou e falou: eu vou vender pra você um didal já usado, não era um didal virgem. (Nety, 2016)

## **2.10 O tunel de prato e o frango goió**

Elas ia pra festa de Arraial D' Ajuda. Quando chegou ali em Juacema, elas vei desparada pra comer, quando eis olha no mato pra lá, tinha um tunér, um tuneuzão assim. Ai ela chegô e olho, tava chei de prato, tudo prato de loja.

Aí ela vei cá e chamou o pai dela. Chegô lá tava tudo marelim era uma risina parecendo oro. Mais num mexero não. Foru pra Arraial D'Ajuda. Quando vortô, chegô cá e num encontrô nem o tuner mais. Quando vortô ali naquela lagoa tola onde amarraro as correntes do boi, quando chegô ali um frango correu, correu e inrrabaro esse frango, um frangão goió assim. Ele correu, correu e ele entrou na trocera do capim. Procuraro, procuraro. Qui! Nem acharu. (Nety, 2016)

Para concluir os causos que já foram narrados, completamos o trabalho com o Causo transcrito por Tary Alves (narrado por Nete Braz) em sua monografia História de lugares Sagrados, 2016.

### **2.11 O mistério da Juacema**

Teve uma vez que saiu um índio de Barra Velha de madrugada pra Arraial D'juda, pois os velhos antigamente só viajava pra Porto Seguro, Trancoso e Arraial pela praia e tinha que passar em juacema e por cima, pois em frente esse lugar não deu praia que pudesse passa. Por ser uma parte toda de grandes rochedos e o mar nessa parte não secar pra dar praia como nas outras partes da praia e as ondas do mar bate nas pedras e nas falésias que se formô. E aí saiu esse índio cá de Barra Velha sozinho e ai quando vortô no outro dia já a tarde, e quando passô em Juacema era tarde da noite. E como já era bem tarde da noite, quando chegô em cima na chã, em Juacema viu aquela cidade toda luminada, cheia de casa, ele pensô: vou passar a noite aqui e amanhã cedo eu termino de chegar em Barra Velha. Chegô em uma casa e pediu dormida a uma mulher e ela arrumô dormida pra ele, ainda mandô ele entrar e arrumô a cama e ele foi descansar pra no outro dia sair cedo, ainda deu um trabiceiro pra colocar debaixo da cabeça e dormiu, pegô no sono. Ai quando foi de madrugada já clareando ele acordô pra seguir caminho, quando se assustou ainda meio tonto de sono, que se aprumô que acordô, falô: oxente onde é que eu tô? Cadê a casa o pessoal que tava aqui, onti quando cheguei? E as casa, e as cidade será que tô ficando maluco. Que ele olhô pro lado, tava deitado debaixo de um pé de caju brabo, todo cheio de capim mangaba e com a cabeça em cima de uma cabaça de cupim. Depois com muito tempo pensou ah é Juacema, e era o seu encanto. (Nete Braz, 2015, transcrito por Tary Ferreira Alves, 2016)

## **2.12 Comentário sobre os causos narrados**

Nos Causos as pessoas eram atraídas para dentro do encantamento se transformando como parte daquele encanto. No momento em que saíam desse encanto eram como se estivessem acordado novamente para a vida. Os encantamentos são experiências vividas através da espiritualidade, onde se consegue ver e sentir, mas não consegue pegar para mostrar a outras pessoas, como relata o sábio Pataxó Domingos “encanto não é aquilo que é material, o encantamento é aquilo que ele viu e não pode pegar e nem trazer”. Segundo nossos velhos as pessoas que participavam dos Causos entendiam que tudo que viam não passava de encantos que em um abrir e fechar de olhos desaparecia e deixavam as pessoas muitas vezes sem explicações. E também conosco aconteceu dessa forma, enquanto nossos velhos narravam entrávamos neste encanto e quando terminavam os Causos, era como se estivéssemos despertando daquele encanto.

Com base nos Causos, obtivemos conhecimento que nós mesmos não imaginávamos ter dessa força sobrenatural. Observamos a importância do ouvir e guardar os acontecimentos de nossos velhos em nossa memória. Durante as narrativas percebemos que nossos sábios tinham tal confiança para nós transmitir o que sabiam. Entendíamos que naquele momento também estávamos com “dever” para repassar seus conhecimentos. Isso nos motivou a registrar esses Causos.

## **2.13 Experiência em Juacema**

Como informado na Introdução, conhecemos Juacema através da pesquisa para a escrita dessa monografia. Fizemos um trabalho de intervenção orientado pela professora Anna Paula Vencato (FIEI – UFMG). Foi proposto fazermos a escolha de algum tema para poder desenvolver em nossa comunidade ou dentro de sala de aula. Como já tínhamos um tema, Causos contado pelo povo Pataxó sobre Juacema. Decidimos então desenvolver este trabalho em julho de 2016, juntamente com alunos do nono ano A e B da Escola Indígena Pataxó de Barra Velha.

Nessas aulas o assunto foi sobre Território e Juacema como lugar sagrado do povo Pataxó. Usamos seis aulas de geografia e um dia todo de aula em campo. Nas primeiras aulas explicamos para os alunos que Juacema não é uma área demarcada, mas é onde

aconteceram fatos importantes, que nunca nos faz esquecer que ela existe. Logo depois, começamos a contar os Causos que aconteceram por lá.

Alguns alunos tinham pouco conhecimento sobre este lugar simbólico. Com o passar dos tempos os jovens de nossa comunidade vão deixando de aprender com os nossos velhos os Causos e o valor do nosso território, mas, com as aulas, eles puderam ter um conhecimento maior. Nosso objetivo era fazer com que os alunos entendessem e compreendessem que mesmo que não está demarcado, sempre será lembrado como um lugar espiritual e sagrado.

No dia 15 de julho de 2016, juntamente com alunos e os professores Umberto e Biraí Pataxó de nossa comunidade Barra Velha fizemos a visita ao local. Saímos da escola por volta das oito horas da manhã. Fomos de ônibus até Caraíva. Chegando lá atravessamos de canoa para iniciar nossa caminhada até Juacema.

A caminhada é bem longa e cansativa, percorremos duas horas e meia pela praia. Fomos conversando e contando alguns Causos. Os alunos que já conheciam, sabiam da distancia e os que nunca tinham ido assim como nós, ficavam ansiosos para chegar até o local. No decorrer da caminhada tomamos banho em algumas lagoas cujas águas são tão clarinhas que não tínhamos vontade de sair. Registramos com fotos.

Logo ao chegar a Juacema é avistada uma linda praia, que é tão calma que as águas do mar são claras e parecem estar paradas em harmonia com a natureza e com os encantos, é uma beleza de se admirar. Ao subir as falésias que dão caminho a este lugar, avistamos dois buracos enormes. Segundo o parente e professor Biraí Pataxó, este buraco não havia fim, era muito fundo e que antes tinham até medo de olhar. O local é rodeado por cajueiros bravos, se alguém provar do seu fruto pode morrer.

Essa expedição fez com adquiríssemos uma experiência, como dissemos que o sagrado faz com que tenhamos experiências espirituais e sendo assim essas novas experiências que fortalece e faz com que o lugar continue sagrado, portanto demos o nome ao Causo mistério da água que contaremos logo a baixo.

## **Causo o Mistério da água**

Como era a primeira vez que estávamos naquele lugar, os alunos que já conheciam o caminho foram na frente e nós com outras duas alunas ficamos mais atrás. Ao chegarmos ao lugar e na lagoa fomos surpreendidas com algo misterioso e inexplicável. No meio da estrada formou uma nuvem bem escura no céu, de repente começou a chover somente onde estávamos. Algumas alunas observaram que, não estávamos sozinhos e tinha algo espiritual, eram os encantados querendo fazer presença juntamente conosco. Continuamos a caminhada impressionada com que tinha acontecido. Ao passar em frente à “Lagoa Tola”, estávamos conversando e tirando algumas fotografias. Quando olhamos no meio da lagoa surgiram bolhas de águas, se transformando em um grande círculo como se tivesse alguém debaixo. Ficamos surpresas, admiradas. Ficamos esperando a todo o momento em que algo fosse sair dali de dentro e rapidamente desapareceram. Logo veio o pensamento, foi algo diferente neste lugar encantado, um mistério no qual não pôde ser respondido e deixamos uma pergunta: será o quê vimos? Poderia ter sido o guardião da lagoa tola? (Roberta Ferreira e Kaline Cunha)

Foi uma aula bastante produtiva, relembramos alguns Causos que aconteceram com nossos velhos. Logo depois fizemos um piquenique à beira da praia, tomamos bastante banho no mar. No retorno para irmos embora alguns alunos pararam para tomarem banho na “Lagoa Tola” de repente algo aconteceu com um dos alunos. Logo depois do ocorrido assim que saiu da água perguntamos para ele o que havia sentido, disse que algo muito forte o puxou para o fundo e ele não quis mais retornar a água. No decorrer da nossa caminhada, íamos sabendo que a qualquer momento poderíamos ser surpreendidas novamente com alguma visita de algo sobrenatural, mas, foram somente esses encantos que pudemos observar.

Logo depois saímos e continuamos a caminhada de volta para casa. Todos estavam bem cansados, mas bastante satisfeitos com o passeio. Nós e alguns alunos que nunca tínhamos ido até Juacema, ficamos surpresos com sua beleza e não imaginávamos o quanto a espiritualidade deste lugar é tão forte, quanto falavam e só depois que visitamos que fomos entender essa força que esse lugar tem, nada poderá tirar essa experiência que tivemos. Mesmo que conheça os Causos certamente é preciso conhecer o lugar.

## **Considerações Finais**

Mostramos ao longo desse trabalho o quanto as palavras usadas e os Causos contados pelos nossos velhos são importante para a oralidade Pataxó. Por meio dos Causos contados, os Pataxó tem um contato milenar com Juacema sendo passagem ou moradia de muitos no decorrer dos tempos. Afirmamos ainda que este lugar é sagrado, encantado e faz parte da nossa cultura e de nosso território.

Ressaltamos que o território é importante para o nosso povo tanto quanto a demarcação da terra indígena, que nos dar a liberdade de nos relacionarmos com o espiritual e vivermos fortes experiências. Juacema não faz parte da demarcação, mas representa para nós Pataxó, um lugar sagrado. Juacema para nós é como um ancião, que devemos cuidar e respeitar, como nosso bem maior, nosso lugar sagrado.

Diante disto percebemos que Juacema tem seus encantos e mistérios e que muitas das vezes não conseguimos entender ou explicar. Guarda um segredo que ninguém nunca descobriu por conta do seu encantamento. Ficávamos se perguntando como explicaríamos esses encantos. Com muitas conversas que tivemos com os nossos sábios tentávamos entender o tempo todo o motivo dessa força. Este trabalho nos possibilitou a entender que o encantado está interligado entre duas palavras, o cuidado e o respeito, seja ele com uma pessoa ou com um lugar.

Por sabermos que ali é o “nosso” lugar ao presenciarmos os encantos não sentimos medo, pois sabermos que é lugar sagrado e tudo que foi visto faz parte dos encantos e da espiritualidade. Afirma a Sr.<sup>a</sup> Nety sobre quando se refere dos encantos de Juacema: “Ali não é coisa mal né, num fica sendo coisa medrosa, o lugar, o território fico assim, ficou tão respeitosa né, assim fico tão sagrada, que ela não é medrosa como todo mundo sabe quem já foi em Juacema né, o porquê tem a história dela né, entende, ai não deixa medo né” (Nety, janeiro, 2017, Encontro das Águas-MG).

Nós indígenas nunca podemos esquecer-nos de onde viemos e de onde crescemos. Mesmo que em algum momento não podemos estar em Juacema, sentimos essa força do sagrado que conecta a memória fazendo com que estejamos lá.

Por fim percebemos a necessidade de mais registro sobre os Causos que são contados pelos nossos velhos. As narrativas precisam ter destaque, na escola, nas comunidades e

na universidade, pois é através delas que podemos conhecer a dimensão sagrada vivida a cada dia, pois tudo que vivemos e falamos nesse trabalho são Causos.

## Caderno de fotografia



A travessia - Barra de Caraíva. Fotografias: Kaline Braz



Caminhada até Juacema. Fotografias: Kaline Braz



Lagoas e Rochedos antes da chegada em Juacema. Fotografias: Kaline Braz



Lagoa próxima a Juacema. Fotografias: Kaline Braz



Chegada em Juacema. Fotografia: Biraí Braz



Buraco dos Bakirás. Fotografia: Kaline Braz



Buraco dos Bakirás. Fotografia: Roberta Ferreira



Buraco dos Bakirás (esquerda) e Trilha que dá acesso à Lagoa Tola (direita). Fotografia: Roberta Ferreira



Lagoa Tola. Fotografia: Roberta Ferreira



Trilha para praia do espelho (esquerda) e Piquenique com a turma (direita). Fotografias: Roberta Ferreira



Alunos se divertindo na praia de Juacema – Vista do Alto da Juacema. Fotografias: Roberta Ferreira



Alunos se divertindo na praia de Juacema – Vista do Alto da Juacema. Fotografias: Roberta Ferreira

## Referências

- ALVES, Tary Ferreira. Histórias de lugares sagrados. Belo Horizonte: UFMG, 2016.
- BRAZ, Sijanete Alves. Aldeia Encontro das Águas, Carmésia/MG, 03 dezembro de 2016. Entrevista concedida a Kaline Braz Cunha e Roberta Ponsada Ferreira.
- BRAZ, Domingos da Conceição. Aldeia Mirapé, Porto Seguro/BA, 05 julho de 2016. Entrevista concedida a Kaline Braz Cunha e Roberta Ponsada Ferreira.
- NASCIMENTO, Adalberto. Aldeia Mãe Barra Velha, Porto Seguro/BA, 17 março de 2016. Entrevista concedida a Kaline Braz Cunha e Roberta Ponsada Ferreira.
- CARDOSO, PINHEIRO, Thiago Mota, Maira Bueno. *Aragwaksã, plano de gestão territorial*. Brasília DF, 2012.
- ATXÔHÃ, Grupo de pesquisa da língua e História Pataxó. *Inventário Cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia: Atxôhã / Instituto Tribos Jovens (ITJ)*, 2011.
- TIMMERS, Jean-François. Respeitar a vida e o ser humano: a preservação do meio ambiente com e pelos índios evita a definitiva condenação da biodiversidade. Artigo\_jean\_ISA\_2004. [www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT16-437-404-20100831101029.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT16-437-404-20100831101029.pdf) , acesso em 25/08/2016.
- ASSIS, Luiz Guilherme Resende. A produção de instrumento de mediação de conflito socioambientais: O caso da sobreposição entre o território tradicionalmente ocupada pelos Pataxó do Monte Pascoal e o Parque Nacional do Monte Pascoal. Brasília, 2004.
- CARVALHO, Maria do Rosário Gonsalves. *O Monte Pascoal os índios Pataxó e a luta pelo reconhecimento étnico*. Caderno CRH, Salvador, v.22 n.57, p.507-521, Set/Dez.2009.
- CARVALHO, Maria do Rosário Gonsalves. Relatório Circunstanciado de identificação da TI Pataxó do Monte Pascoal. Salvador, 2008.